

O GLOBO

O diretor Danny Boyle comenta seu novo filme, '127 horas', sobre a tragédia de um alpinista • 3

O cartunista André Dahmer lança livro cujas 600 capas da tiragem inicial são pintadas à mão • 10

SEGUNDO CADERNO

TERÇA-FEIRA, 2 DE NOVEMBRO DE 2010

Imagens do invisível

A artista plástica Alice Miceli fala de sua longa jornada para materializar a radiação de Chernobyl



Michel Filho

ALICE MICELI

em frente à sua obra na Bienal de São Paulo: nos negativos originais em "backlight", as áreas escuras indicam a radiação na zona de exclusão formada após o acidente na usina nuclear

Suzana Velasco

Alice Miceli vai ficar três semanas em Berlim, sem preocupações, como uma turista na cidade onde morou. Nos últimos três anos, a capital alemã foi seu lugar de constante expectativa, o meio do caminho entre sua família e seus amigos, no Rio, e o projeto que tomou conta de sua vida, na abandonada Pripjat, no Norte da Ucrânia. Chegar à zona de exclusão formada após o acidente na usina nuclear de Chernobyl, em 1986, não foi apenas uma questão de autorização de entrada — ainda que esse tenha sido mais um fator de sua espera. Alice queria, como boa artista, falar do que não se vê. E precisava encontrar um meio de fazer isso num lugar onde, aparentemente, não há nada para se olhar.

— Chernobyl é vazio, mas pleno de uma energia invisível, um lugar onde o silêncio é preenchido por alguma coisa que não se revela — dizia a artista, no Rio, antes de voltar a Berlim, na semana passada.

Depois de muitas idas, vindas e encontros com o inesperado, o resultado do périplo de Alice está à mostra até 12 de dezembro na 29^a Bienal de São Paulo. Numa sala escura, quase escondida num canto do terceiro andar do pavilhão do Ibirapuera, ela dispôs lado a lado as imagens do que não se pode ver,

uma série de fotografias em que as nuances cinza revelam as diferentes intensidades da radiação em Chernobyl, algo impossível de ser percebido a olho nu. São desde imagens quase brancas, de portas e janelas, até outras que parecem captar um balé de sombras, reflexos da intensa radiação dos campos da zona de exclusão, demarcada num raio de 30 quilômetros em torno do antigo reator nuclear.

Não são imagens fotográficas feitas com luz. Para chegar a elas, a artista fez testes e mais testes no Instituto de Radioproteção e Dosimetria (IRD), no Rio, criou câmeras *pinholes* (artesanais), passou-se por pesquisadora de um grupo de cientistas alemães que faziam investigações no local e esteve 12 vezes em Chernobyl, desfazendo-se de todos os seus pertences a cada volta a Berlim. Foi um processo muito mais complicado do que sua ideia inicial, que, ironicamente, foi abandonada justamente por parecer inviável: instalar na zona de exclusão um monumento de chumbo que durasse 300 anos, o tempo previsto para que a região possa voltar a ser habitada.

— Fazia parte do grupo do (*professor de artes*) Charles Watson, e tínhamos que fazer um projeto sobre o silêncio. Minha primeira ideia foi fazer um monumento, mas me pareceu uma missão louca — conta ela, sem saber na época, em 2005, que teria uma missão muito mais in-

“

Chernobyl é vazio,
mas pleno de uma
energia invisível,
um lugar onde o
silêncio é preenchido
por alguma coisa
que não se revela

Alice Miceli

sana pela frente. — Comecei a imaginar como seria a imagem de um lugar definido por sua invisibilidade. A natureza parece a mesma, mas é alterada substancialmente pela radiação. Se eu fosse produzir imagens desse lugar, o que elas enxergariam? O que está em jogo lá é o entre, o que não se vê. Pensei: que realidade é essa? Será possível tocá-la? Como a radiação cria imagens, pensei que, se você está num lugar radioativo, haveria a possibilidade de captar algo por meio dela.

Alice estava certa. Ela levou essas perguntas e ideias para seu tio Mário Novello, físico teórico, que a en-

caminhou ao IRD, especializado em radiação. Quase todos os dias, ela pegava dois ônibus para chegar ao Recreio dos Bandeirantes, onde fazia experimentos sob a orientação do professor Luiz Tauhata. Estudou um pouco de física para entender sobre as medições da radiação — hoje, a artista de 30 anos fala com naturalidade da materialidade do chumbo e da diferença entre energia e atividades radioativas — e, com os funcionários do instituto, fez testes com diferentes tipos e intensidades de radiação, desenvolvendo uma câmera *pinhole*. Só que, em vez de filme comum, usava filme radiográfico, de diferentes sensibilidades.

— No IRD, eles têm todos os tipos de fonte radioativa, fazem qualquer engenhoca. Adorava os caras da oficina. Queria me inscrever para ser estagiária, mas eles não deixaram, porque era muito perigoso — conta ela, que acabou encontrando relações entre seu trabalho e o dos pesquisadores. — Meu tio e o Tauhata são cientistas, mas não estranhavam meu interesse, porque estão interessados em tudo o que é inquisitivo no mundo. Já na Alemanha foi muito difícil, acho que até hoje não entenderam por que eu queria fazer isso em Chernobyl.

Foram oito meses de experimentos no Rio até Alice achar que já sabia o suficiente para testar sua câmera em Chernobyl e tentar captar a radiação do local. Em vez de fotografar, ela radiografaria o local.

Quase ao mesmo tempo, veio a pitada de sorte da história. Sem sucesso, Alice vinha tentando autorização para entrar na zona de exclusão e já tinha gastado no projeto parte dos R\$ 20 mil que ganhara do Prêmio Sérgio Motta de Arte e Tecnologia, em 2005, justamente com o projeto “Chernobyl — Imagens do invisível”. Dando aulas de videoarte no Ateliê da Imagem, conheceu o produtor de shows alemão Scumck Sabottka, fascinado pela história de Chernobyl. Ele não apenas indicou fundações na Alemanha que poderiam ajudá-la como decidiu financiar o projeto, que atingiu um total de € 50 mil. Em 2007, ela se mudava para Berlim.

Mesmo sem entenderem bem quais eram as ambições da artista, dois pesquisadores da Universidade de Munique, Edmund Lengfelder e Christine Frenzel, deram a Alice acesso à zona de exclusão. A cada viagem, repetiam-se as doses de burocracia e formalidades.

— Eu era apresentada como parte do corpo científico, mas, ainda assim, o acesso era complicado — ela diz. — O problema maior é quando você fica anos exposta à radiação, mas existe risco de contaminação. Tive medo, só que não a ponto de ser paralisante. Não podíamos comer, beber nem levar nada de lá, e sempre medíamos nosso nível de radiação na entrada e na saída. Continua na página 3



Fotos de divulgação/Alice Miceli

FOTOS tiradas pela artista em Chernobyl: depois de fazer “laboratório” no Instituto de Radioproteção e Dosimetria, no Rio, ela passou três anos em Berlim para realizar o trabalho, entre idas e vindas ao Norte da Ucrânia

Depois das primeiras visitas a Chernobyl, Alice mudou seus planos de usar a câmera *pinhole*.

E passou a “envelopar” os objetos e superfícies da zona de exclusão, no que ela chamou de autorradiografias, em que a fonte radioativa é testada diretamente no filme, que capta a radiação gama invisível, emitida pela vegetação e pelos objetos e casas abandonados no local, desde 1986.

— O problema é que o *pinhole* só conseguia captar uma imagem controlada por mim e em miniatura. E, em Chernobyl, eu queria dar a dimensão da paisagem, porque tudo está contaminado. Não queria mudar a escala, mas captar as dimensões da natureza, muito maiores do que as experiências em laboratório. Teria que fazer um ajuste artificial na câmera e na realidade, e isso parecia uma mentira para mim, porque eu queria estar aberta ao encontro, e não adaptar algo às minhas necessidades — explica ela, que é formada em cinema pela Escola Superior de Estudos Cinematográficos de Paris e já trabalhou como assistente de direção.

A artista tinha que esperar pelo menos dois meses para que a exposição à radiação tivesse algum resultado visível. Às vezes, ao voltar a Chernobyl, os experimentos tinham sumido, levados por animais:

— O ritmo é dado pelos ele-



NO VÍDEO “88 de 14 mil”, de 2004, Alice reuniu retratos de 88 dos 14 mil mortos numa prisão do Camboja

mentos, não adianta apressar. Você não tem controle. Durante todo o projeto, tive que esperar para ver que encontro era esse.

Alice foi paciente. Depois de três anos em Berlim, decidiu que era hora de voltar ao Brasil e expor suas imagens, a forma que encontrou para revelar o invisível. Ela já tinha um longo contato com o crítico de arte Agnaldo Farias, que, como um dos curadores da bienal, convidou a artista para participar da exposição que ganhou justamente o te-

ma arte política — forte na produção de Alice desde 2004, ano em que fez “88 de 14 mil”, um vídeo com retratos de 88 dos 14 mil mortos em uma prisão de extermínio no Camboja, na década de 70. Na bienal, ela expõe uma sequência dos negativos originais de Chernobyl em *backlight*, que é a única luz pela qual se veem as imagens, selecionadas de modo a mostrar a variedade de intensidade da radiação.

— É como se eu tivesse construído um vocabulário da radiação e tentasse pôr ali

o maior número possível de palavras — compara.

Após a abertura da bienal, em setembro, Alice voltou para o Rio, reviu os amigos e, mesmo com a passagem de volta para Berlim, pensou em ficar por aqui. Mas decidiu voltar e aproveitar um pouco a capital alemã sem a angústia da espera, sem a burocracia, programada apenas para passear. E pôr um ponto final numa longa aventura criativa:

— Deu um vazio bom. Precisava começar a pensar em outras coisas. ■